



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS
LÍNGUA PORTUGUESA

PERSPECTIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE O ENSINO DE
GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA

São Bernardo - MA

2025

MARIA LIMA

**PERSPECTIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA
CONTEXTUALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de São Bernardo, para a obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Marcelo Costa dos Santos

São Bernardo - MA

2025

MARIA LIMA

**PERSPECTIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA
CONTEXTUALIZADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso Licenciatura em Linguagens e
Códigos Língua Portuguesa, da Universidade
Federal do Maranhão, Centro de Ciências de
São Bernardo, para a obtenção do grau de
Licenciada em Linguagens e Códigos Língua
Portuguesa.

Aprovada em: ____/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. José Marcelo Costa dos Santos
Doutor em Educação (UFPI)

Prof. Dr. Fabrício Tavares de Moraes (UFMA-Membro Interno)

Prof^a. Thaisa de Castro Santos Bitencourt (IFPI-Membro Externo)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima, Maria. Perspectivas Teórico-práticas sobre o ensino de gramática contextualizada / Maria Lima. - 2025. 24 f.

Orientador(a): José Marcelo Costa dos Santos.
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,
Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo do Maranhão,
2025.

1. Gramática Contextualizada. 2. Ensino. 3. Língua Portuguesa. 4. Gênero Fábula. I. Costa dos Santos, José Marcelo. II. Título.

PERSPECTIVAS TEÓRICO-PRÁTICAS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA

Maria Lima¹

José Marcelo Costa dos Santos [2]

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo analisar o ensino de gramática contextualizada por meio do gênero fábula como ferramenta no ensino de Língua Portuguesa, contemplando os eixos linguísticos de oralidade, leitura, análise linguística/semiótica na Educação Básica - Ensino Fundamental. Em consonância com o objetivo geral, a pesquisa está delimitada em três objetivos específicos: a) caracterizar o gênero fábula como ferramenta pedagógica para o ensino de gramática contextualizada; b) discutir os desafios e dificuldades do trabalho com o ensino de gramática contextualizada nas práticas educacionais; c) apresentar possibilidades de ensino de gramática contextualizada a partir de uma oficina temática sobre o gênero fábula. Em vista disso, parte-se da questão: como trabalhar gramática contextualizada através do gênero fábula como ferramenta para a aprendizagem no ensino fundamental? A pesquisa tem como base a metodologia qualitativa, caracterizada como uma pesquisa-ação, utilizando a técnica de uma sequência didática em uma turma do 9º ano de uma escola pública de Ensino Fundamental no município de São Bernardo - MA. Fundamenta-se em autores como Antunes (2014; 2003), Marcuschi (2008), e Geraldi (1984). Como tal, o ensino gramatical contextualizado representa desafios e possibilidades, com caminhos infinitos que abrangem meios de interações comunicativas, uma vez que os gêneros representam o meio social.

Palavras-chave: Gramática contextualizada; Ensino; Língua Portuguesa; Gênero Fábula.

Abstract: The present research aims to analyze the teaching of contextualized grammar through the fable genre as a tool in the teaching of Portuguese Language, contemplating the linguistic axes of orality, reading, linguistic/semiotic analysis in Basic Education - Elementary Education. In line with the general objective, the research is delimited in three specific objectives: a) to characterize the fable genre as a pedagogical tool for the teaching of contextualized grammar; b) to discuss the challenges and difficulties of working with the

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Linguagem e Códigos Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências de São Bernardo. *E-mail:* maria.l@discente.ufma.br. Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. José Marcelo Costa dos Santos.

teaching of grammar contextualized in educational practices; c) to present possibilities for teaching contextualized grammar from a thematic workshop on the fable genre. In view of this, the question arises: how to work with contextualized grammar through the fable genre as a tool for learning in elementary school? The research is based on the qualitative methodology, characterized as an action research, using the technique of a didactic sequence in a 9th grade class of a public elementary school in the city of São Bernardo - MA. It is based on authors such as Antunes (2014; 2003), Marcuschi (2008), Fiorin (2011) and Geraldi (1984). As such, contextualized grammatical teaching represents challenges and possibilities, with infinite paths that encompass means of communicative interactions, since genres represent the social environment.

Palavras-chave: Contextualized grammar; Teaching; Portuguese language; Fable Genres.

1 Introdução

O ensino de Língua Portuguesa, no Brasil, passa por um processo de transformação que reflete as mudanças nas práticas pedagógicas, entretanto, apesar dos avanços teóricos em torno dessa questão, ainda prevalece nas escolas uma didática tradicionalista, centrada no ensino de regras normativas descontextualizadas, dificultando a compreensão da língua e a relação entre sua forma e uso, de maneira contextualizada.

Percebemos um grande desestímulo dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Essa desmotivação está relacionada, principalmente, às aulas em que os alunos veem apenas as nomenclaturas da língua como um sistema enigmático, distante do seu processo de aprendizagem, mesmo sendo sua língua materna.

Constatamos esse cenário de dificuldades durante o estágio no Ensino Fundamental, nas dimensões do Programa Residência Pedagógica (PRP), em que percebemos que quando os conteúdos eram trabalhados no estilo tradicional, havia pouca interação e a maioria dos discentes não entendia, outros sentiam muita dificuldade em compreender o assunto ou ainda sequer tentavam acompanhar a aula, isso devido à grande apatia diante dessa prática.

Por outro lado, quando os conteúdos eram apresentados de forma mais dinâmica, havia um maior interesse e engajamento por parte dos estudantes. Assim, enquanto o estudo da gramática com abordagem tradicional gerava desmotivação, as inovações no ensino apontavam para a possibilidade de se ter bons resultados.

Diante desse contexto, a partir das formações do PRP e da nossa participação nas discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação e Práticas da Docência em Língua Portuguesa (GEFPDOC-LP/UFMA), visionamos a possibilidade de trabalhar a gramática de maneira contextualizada, reforçando a importância de buscar estratégias metodológicas que promovessem maior envolvimento nas aulas de Português.

Geraldi (1994, p. 43) afirma que “a língua só tem sentido no jogo que se joga na sociedade”, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que considerem a linguagem em seu contexto de uso real. Bakhtin (2003), por sua vez, nos diz que as práticas gramaticais devem ponderar os contextos e usos da língua e seus desígnios textuais presentes nos textos.

Dessa forma, considerando a realidade dos alunos com os quais desenvolvemos o estudo, escolhemos especificamente o gênero fábula, pela familiaridade desses discentes com esse tipo de texto. Partimos da seguinte problemática: Como ensinar gramática contextualizada através do gênero fábula no Ensino Fundamental?

O gênero fábula, com sua proeminência narrativa e estrutural, mostra-se uma ferramenta didática de grande potencial para o ensino de gramática contextualizada. Como destacado por Antunes (2014), a análise textual deve ponderar o texto em sua totalidade, demonstrando como os elementos contribuem para o sentido e o funcionamento dentro do texto.

Este estudo tem como objetivo geral analisar o ensino de gramática contextualizada por meio do gênero fábula como ferramenta no ensino de Língua Portuguesa, contemplando os eixos linguísticos de oralidade, leitura, análise linguística/semiótica na Educação Básica - Ensino Fundamental. Temos como objetivos específicos: caracterizar o gênero fábula como ferramenta pedagógica para o ensino de gramática contextualizada; discutir os desafios e possibilidades do trabalho com a gramática contextualizada nos anos finais do Ensino Fundamental; apresentar possibilidades de ensino de gramática contextualizada a partir de uma oficina temática sobre o gênero fábula.

A pesquisa mostra-se relevante perante as discussões acadêmicas, contribuindo com estudos relacionados ao ensino de gramática contextualizada no ensino fundamental. Além disso, propõe o aprofundamento de novas metodologias por meio da sequência didática enquanto instrumento para explorar o ensino de gramática a partir do gênero fábula. Busca-se ainda, discussões teóricas sobre práticas pedagógicas, o que tende a contribuir para o ensino de gramática de forma mais significativa e eficaz para o desenvolvimento do educando.

Nesse sentido, a pesquisa busca discutir como o ensino de gramática deve desenvolver-se de maneira contextualizada, tendo como base as novas práticas metodológicas na relação com o trato nas aulas de Língua Portuguesa, promovendo o desenvolvimento necessário ao domínio da língua, especialmente em relação aos gêneros textuais em conformidade com os termos gramaticais, viabilizando a convergência dos gêneros textuais para o meio sociocultural e suas contribuições para o enriquecimento do ensino contemporâneo.

O trabalho está organizado da seguinte forma: a primeira seção é composta pela introdução, que contempla a problemática, o objeto de estudo, a justificativa e os objetivos, seguida dos tópicos sobre as concepções gramaticais e os gêneros textuais, bem como o processo metodológico, a análise de dados e, por fim, as considerações finais, que refletem as contribuições da pesquisa em suas dimensões social, linguística e acadêmica nas práticas pedagógicas.

2 O ensino de Língua Portuguesa na perspectiva da gramática contextualizada

O ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva contemporânea, precisa considerar em sua aplicação pedagógica a necessidade de desvincular-se da didática tradicionalista, que é voltada para o estudo da gramática normativa por meio de frases soltas e descontextualizadas, distantes da realidade dos alunos em sala de aula.

Conforme Marcuschi (2008, p. 73), “A LT parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto, sejam elas orais ou escritas.”

Seguindo essa premissa, Geraldi (1984) estabelece que a comunicação vai além de ser um instrumento de transmissão de códigos, sendo, sobretudo, um meio de interações sociais. Para esse autor:

Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala (Geraldi, 1984, p. 33).

Como destacado pelo autor acima, a função da linguagem rompe o tradicionalismo de apenas transmitir informações, ressaltando que a linguagem é social e que se constrói pela interação entre os sujeitos, gerando significados e sentidos. Como prática discursiva, observa-se que a fala não apenas comunica algo, mas que também é um agir no mundo, expressando pensamentos, os quais influenciam na interação, além de transformar os sujeitos e os contextos sociais.

Nesse sentido, é crucial que as práticas pedagógicas, nas aulas de Língua Portuguesa, relacionem o contexto e as funções comunicativas da linguagem. Segundo Antunes (2014), a gramática contextualizada se enraíza nos usos reais da linguagem, portanto, não devemos trabalhar a língua apenas na linha da gramática, de forma isolada.

As ações da língua partem das interações sociais e dos diferentes aspectos dos textos gerados por essas interações. Em contrapartida, o ensino tradicional ainda enfatiza a adoção de práticas descontextualizadas, largamente reforçadas pelo mau uso do livro didático, que prioriza a aplicação de lições pré-estabelecidas, mecânicas e descontextualizadas, focadas na memorização de regras normativas.

Antunes (2014, p. 25) se contrapõe a esse cenário ao afirmar que “Não existe uma gramática fora da língua. É na interação e no cruzamento de todas as nossas ações verbais que a gramática vai se internalizando e se consolidando, a ponto de se estabelecer como algo constitutivo do saber linguístico de todo falante”.

Desse modo, a adoção de práticas metodológicas relevantes deve ultrapassar a mera identificação de regras isoladas, considerando um interlocutor, um contexto ou um gênero textual específico. É necessário indagar como os alunos estão sendo preparados para interagir socialmente e para se posicionar em diversas situações cotidianas.

O papel da Língua Portuguesa na sala de aula vai além do ensino de regras gramaticais normativas, pois é essencial para o desenvolvimento de habilidades criativas, comunicativas, de pensamento crítico e de trabalho em equipe, competências necessárias para enfrentar os desafios da vida cotidiana.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), é essencial considerar que:

Ensinar Língua Portuguesa, considerando a condição afetiva, cognitiva e social do adolescente, implica colocar a possibilidade de um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos. (Brasil, 1997, p. 47).

Nesta concepção, o ensino de Língua Portuguesa deve ser reflexivo e contextualizado, promovendo não apenas o uso das normas da língua, mas formando seres capazes de transmitir opiniões e valores de maneira crítica. Isso reflete a necessidade de uma educação que contemple indivíduos ativos, críticos e criativos socialmente. O ensino da gramática contextualizada torna-se um instrumento indispensável para a construção de indivíduos conscientes, muitas vezes negligenciados por práticas desatualizadas.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as habilidades do ensino de Língua Portuguesa devem ser trabalhadas de forma contextualizada, considerando a realidade cultural do indivíduo no contexto escolar e na sociedade. A BNCC reitera, em seus eixos, o texto como uma abordagem enunciativa-discursiva que favorece a aquisição de habilidades por meio de atividades que envolvam leitura, escuta e produções nas diferentes

mídias semióticas, “Assim, as habilidades não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos que circulam nos diversos campos da atividade humana” (Brasil, 2017, p. 75).

Dessa maneira, os textos não são vistos como simples meios para se trabalhar a gramática de forma descontextualizada, mas como ferramentas dinâmicas que integram leitura, oralidade e escrita, de forma contextualizada, considerando práticas, gêneros e diferentes objetos de conhecimento (Brasil, 2017, p. 75). A consolidação do trabalho integrado dessas habilidades é essencial para promover competências comunicativas e valorizar o uso linguístico da língua nos diferentes ambientes sociais.

Conforme Antunes (2007, p. 65), “Não é para ensinar gramática. Repito: não é para ensinar apenas gramática”. A autora defende que as regras normativas devem ser trabalhadas de maneira integrada, incorporando as variações linguísticas, a prática informal e a intenção comunicativa dos enunciados.

Fiorin (2011, p. 48) reforça essa ideia ao afirmar que “A língua penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados, a vida se introduz na linguagem”. Nesse sentido, as práticas de ensino da gramática contextualizada devem enfatizar os dialetos da língua e as enunciações sociais dos indivíduos em um processo interativo e comunicativo, superando as barreiras da fragmentação imposta pelo ensino tradicional.

Travaglia (2006, p. 236) destaca que, ao trabalhar a gramática a partir de uma perspectiva interativa e discursiva, o professor consegue integrar os três eixos do ensino de Língua Portuguesa: gramática, leitura e produção textual, tanto oral quanto escrita. Desse modo, o ensino deve ir além de classificar nomenclaturas, conferindo aos alunos a competência de refletir sobre o funcionamento das regras e seus usos nos diferentes gêneros textuais. Afinal, tudo que vivemos está permeado por textos nos diversos ambientes sociais.

Desse modo, quando pensamos no ensino de gramática na escola, é fundamental compreender que há diferentes concepções gramaticais e que seus usos vão depender de contextos específicos. As escolhas metodológicas apropriadas dependerão dos objetivos para o trabalho pedagógico.

Segundo Antunes (2007, p. 25), as concepções gramaticais podem ser estudadas:

como um agrupamento de regras que orienta os falantes ao funcionamento da língua em contextos situacionais; como as normas cultas que uniformizam o uso da língua em ambientes oficiais; assim como as gramáticas gerativas e estruturalistas, que estudam os aspectos históricos e estruturais da língua. Por fim, a gramática é vista como uma disciplina escolar, englobando um

conjunto de regras presentes nos currículos de ensino. Essas inúmeras concepções demonstram a complexidade e riqueza gramatical em torno dos fatos linguísticos, requerendo uma análise crítica por parte do corpo docente sobre qual concepção é mais propícia ao ambiente.

Além do conjunto de regras formais, é imprescindível considerar a gramática internalizada ou intuitiva, particularidades obtidas naturalmente por meio da interação. Ou seja, é nas interações ao longo das convivências entre o ouvir, fazer e falar que os conhecimentos gramaticais vão se construindo inconscientemente nos usos reais da língua.

Nessa perspectiva, conforme Faraco (2002), as normas de uma língua são, sobretudo, construções sociais, que vão além de um conjunto de regras linguísticas, são ações que evoluíram no decorrer do tempo, se adequando às necessidades comunicacionais de diferentes comunidades. O autor destaca que “ninguém aprende uma língua para depois aprender sua gramática” (Faraco, 2002, p. 39), apontando que as práticas comunicativas em sociedade se materializam antes das ponderações formais da língua.

Nesse sentido, a aprendizagem das regras gramaticais normativas deve partir de um contexto específico, propiciando a aprendizagem da língua dos usos reais para a percepção de suas normas, não o contrário, pois vale destacar também que a gramática normativa tem um papel essencial para a padronização da língua formal.

O conhecimento gramatical é fundamental em contextos oficiais, como provas de vestibulares, documentos jurídicos, entre outros, organiza-se entre as áreas de fonética, morfologia e sintaxe, permitindo assim uma base comum para a comunicação formal em contextos conversacionais distintos. Todavia, essa norma algumas vezes desconsidera as variações linguísticas presentes no meio, adotando uma visão superficial e prescritiva da diversidade linguística do português brasileiro.

A adoção da visão normativa da língua, focada somente nas normas rígidas, que muitas vezes se concentra distante dos usos reais, levou ao que Bagno (2007) denominou de “preconceito linguístico”. Segundo o autor, a norma rígida tende a excluir os diferentes falares, expondo à exclusão determinados grupos sociais que não seguem a norma padrão. Bagno (2007) considera que o ensino de gramática deve valorizar a diversidade linguística, promovendo um equilíbrio na construção da aprendizagem dos indivíduos:

Mais do que ensinar, é nossa tarefa construir o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua e como é importante se conscientizar desse saber para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes etc. (Bagno, 2007, p. 69).

Desse modo, os grandes desafios na aprendizagem do ensino de gramática estão ligados ao fato de encontrar o equilíbrio entre as estruturas normativas da língua e os conhecimentos linguísticos internalizados pelos estudantes. É essencial que o aluno não somente compreenda as formas gramaticais, mas também reconheça a diversidade e as riquezas dos usos linguísticos nos diferentes aspectos dos usos reais da língua.

Dessa maneira, a aprendizagem das regras gramaticais não deve se limitar somente a análises, mas deve integrar interpretação, leitura e análises semióticas de forma dinâmica, contribuindo de maneira mais inclusiva e eficiente para a aprendizagem linguística dos alunos. Nesse segmento, o uso dos gêneros textuais é essencial, tendo em vista que a diversidade de textos possibilita maiores e melhores condições de se trabalhar a gramática numa abordagem contextualizada.

2.1 Os gêneros textuais como ferramenta para o ensino de gramática contextualizada

Os gêneros textuais são expressões comunicativas vividas em sociedade que reverberam as manifestações sociais, históricas e culturais em uma comunidade, efetivando um papel essencial na interação verbal dos indivíduos. Conforme destacado por Marcuschi (2008, p. 155), “os gêneros textuais são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo, em princípio, listagens abertas. Ou seja, a linguagem se materializa nas práticas sociais e textos orais e escritos”.

O gênero textual é destacado como forma de organização da comunicação, ele nasce das interações sociais de acordo com as necessidades e contextos comunicativos, desempenhando funções essenciais para a comunicação, sendo orais ou escritos, possuindo características específicas e estáveis a depender do campo comunicativo.

Segundo Bakhtin (2006, p. 12), os recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais da língua e a construção composicional estão ligados e “são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

Assim, observamos que os gêneros do discurso incorporam elementos como os conteúdos abordados, o processo composicional e a atividade comunicativa. As escolhas construtivas composicionais ficam, de certo modo, de acordo com os objetivos de cada texto narrativo. A estabilidade de algumas especificidades enunciativas configura “moldes” flexíveis, ou seja, gêneros.

Desse modo, a natureza fluida dos gêneros textuais/discursivos é essencial para as práticas de ensino e aprendizagem em sala de aula, uma vez que a linguagem se manifesta nas interações sociocomunicativas. Nesse sentido, é fundamental nas práticas de ensino de gramática contextualizada trabalhar a língua com base nos gêneros textuais.

Pelo estudo dos gêneros é que se poderia: identificar a intenção global subjacente a cada texto e os objetivos particulares de cada parágrafo; prever o(s) destinatário(s) e suas condições de participação no curso do evento comunicativo; estabelecer os critérios de ordenação e sequência dos vários segmentos do texto, em respeito à sua estrutura esquemática; seguir as normas de paragrafação e as convenções de apresentação de cada gênero; analisar e sistematizar as noções e normas gramaticais e lexicais próprias de cada gênero e das condições de circulação desse gênero (Antunes, 2009, p. 39).

As práticas educacionais, ao serem apoiadas a partir dos gêneros textuais, permitem que o educador se aproprie das estruturas linguísticas e sociocomunicativas dos gêneros em diferentes contextos. Além disso, as análises gramaticais e lexicais pertinentes a cada gênero, integradas com suas condições de circulação, reforçam o entendimento das práticas gramaticais dentro dos usos reais dos textos.

Marcuschi (2008) reforça que os gêneros textuais são uma ação social, ou seja, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma atividade sociocultural que molda as interações cotidianas.

Assim, o trabalho com a leitura, análise e produção textual de gêneros textuais, como carta pessoal, receita culinária, reportagem jornalística, memes, *fanfics*, fábulas etc., não se limita à mera escrita das estruturas textuais desses gêneros, o aluno deve se apropriar do papel social e dos traços culturais, verbais e não verbais desses gêneros. “Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social” (Lopes-Rossi, 2011, p. 71).

Observa-se que, para que o ensino de gêneros se efetue de forma eficaz, por meio de projetos pedagógicos ou aulas, deve-se abordar procedimentos de leitura e discussões sobre a função que o gênero desempenha, como utilizar o gênero textual em sala de aula, quando viável propor produções escritas e levar o aluno a compreender a circulação social do gênero.

Essa prática ajuda o aluno a compreender o gênero e seu funcionamento, assim como os elementos gramaticais que o compõem, aludindo significados para o texto, o que

demonstra a relação imprescindível dos gêneros textuais com o ensino da gramática contextualizada.

Dessa maneira, o estudo dos gêneros textuais é fundamental para o ensino de gramática contextualizada, pois conforme Antunes (2014),

Trata-se, pois, de uma opção metodológica de tratamento dos fatos gramaticais que não perde a dimensão global do texto: os interlocutores previstos, seu propósito comunicativo, seu eixo temático, suas especificidades de gênero, o suporte em que vai circular etc. Como bem destaca a autora, “vincular cada uma das classes ou categorias gramaticais à produção de sentidos, numa situação de interação, é que, de fato, configura explorar a gramática como um dos componentes (apenas um) das atividades da linguagem” (Antunes, 2014, p. 50).

Os gêneros textuais se mostram imprescindíveis na contextualização do ensino de gramática, permitindo aos alunos trabalharem as diversas variedades dos gêneros nos diversos contextos propostos, sendo a contextualização um enriquecimento no aprendizado crítico e reflexivo da língua escrita e oral. Cada gênero exige um uso específico da gramática conforme os meios comunicativos, estilo, formato ou meio de transmissão, o que faz com que o indivíduo adeque o uso escrito e oral da linguagem nos diversos segmentos sociais aos quais são expostos.

Nesse sentido, o texto é uma ferramenta importante para o ensino de gramática contextualizada, uma vez que os aspectos analíticos e interpretativos do texto são imprescindíveis para o processo de letramento dos alunos, ajudando-os a refletir sobre o funcionamento da língua no texto, em seu uso real nos diversos contextos e situações.

Bazerman (2020) afirma que os textos permitem aos alunos a oportunidade de adaptação ao uso da língua nas diversas variantes, tornando o papel do professor ativo nesse ensino, como um mediador no ensino-aprendizagem conforme a necessidade do ambiente do seu alunado.

Assim, um texto quando trabalhado de forma significativa pode contribuir para a vida social do aluno, ao transmitir ações pela linguagem, pois quando se fala também se realiza ações às quais, quando organizadas, são expressos em gêneros textuais, os quais não são isolados entre si, estão conectados à cadeia de comunicação das atividades humanas. Dentre a diversidade de gêneros de texto, a fábula pode ser um bom elemento para o trato da gramática em funcionamento.

O gênero fábula é entendido por Coelho (2020, p. 165) como uma “narrativa que é (de natureza simbólica) uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem

por objetivo transmitir certa moralidade”. Sendo uma das principais características narrar vivências entre animais que configuram condutas humanas, que durante o percurso as ações são desenvolvidas de forma direta e crítica-reflexiva. Ao final, o desfecho leva a uma lição moralista, que pode ser explícita ou implícita, convidando o leitor para refletir.

De acordo com as condutas morais aludidas pelo contexto narrativo da fábula, e por possuir como objetivo transmitir uma reflexão a um conjunto de valores perante a sociedade, isso indica o potencial da fábula para as práticas pedagógicas em sala de aula. Os alunos podem relacionar seu conhecimento de mundo e experiências à questão moralista da fábula, avaliando condutas e repensando sobre algumas atitudes.

3 Metodologia

A pesquisa desenvolvida neste estudo adota uma abordagem qualitativa, que tem objetivos interpretativos, com foco na análise do ensino de gramática contextualizada nas práticas pedagógicas em sala de aula.

Segundo os estudos de Padovan (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa “não requer o uso de métodos e técnicas estáticas”. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave”. Ou seja, os pesquisadores interagem subjetivamente nas análises interpretativas ricas e aprofundadas dos fatos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, percebemos a necessidade da intervenção, por isso buscamos desenvolver um estudo com características de pesquisa-ação. De acordo com Naiditch (2010, p. 01), nesse tipo de pesquisa:

Os pesquisadores investigam um problema e sugerem possíveis soluções, visando melhorar sua prática profissional, as estratégias por eles utilizadas em sua forma de trabalho e ampliar o conhecimento acerca de questões que afetam diretamente a produtividade ou a qualidade do trabalho desenvolvido por um grupo ou por uma instituição.

Na pesquisa-ação, o pesquisador envolve-se em sua metodologia de investigações do problema real, tendo como objetivo encontrar soluções práticas e estratégias para melhorias em seu trabalho, com foco na aquisição de conhecimentos. O ambiente da pesquisa-ação possibilitou a interligação do pesquisador às necessidades específicas das práticas pedagógicas do ensino de gramática, mediante o contexto dos alunos.

Assim, como técnica de pesquisa aplicamos uma sequência didática em forma de oficina, intitulada “Muito além das regras gramaticais”, a qual foi aplicada com 17 alunos do

9º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino, em uma escola pública no município de São Bernardo - MA.

O objetivo da sequência didática foi abordar as especificidades do gênero fábula, em torno da leitura e análise linguística, enfatizando o estudo das estruturas gramaticais, mais especificamente a predicação verbal, tema já abordado pela professora regente da sala. A abordagem possibilitou que a mediação não se afastasse da realidade da sala de aula, permitindo maior relevância e aplicabilidade.

A proposta pedagógica foi articulada conforme os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza o ensino contextualizado e interdisciplinar por meio dos gêneros textuais (Brasil, 2018). Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 97), a “sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

A sequência didática foi aplicada em três etapas. No primeiro dia, aplicamos uma atividade de introdução, visando o diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos, por meio de discussões orais sobre o gênero fábula, considerando tratar-se de uma categoria de texto conhecida desse público e apreciada por eles.

No segundo momento, aprofundamos as discussões com as fábulas escritas: “A cigarra e a formiga” (Projeto Leia para uma criança), “A lebre e a tartaruga” (Família Itinerante) e “O sapo e o escorpião” (Misarel). As especificidades do gênero foram analisadas, destacando os elementos narrativos como enredo, personagens, espaço geográfico da narrativa, moral, estruturas etc.

No terceiro dia, deu-se o trabalho de estudo da língua em que, por meio de discussão oral, iniciamos a análise gramatical do texto, para o trato do conteúdo predicação verbal. A oficina buscou um assunto que já estivesse sendo trabalhado na turma para não fugir da realidade deles.

Vale ressaltar que trabalhamos cada fábula separadamente, disponibilizando xerox para os alunos e reforçando o sentido entre gramática e texto. O último dia culminou na realização de um bingo, sendo um método de avaliação lúdico, que avaliou o conhecimento aprendido ao longo das aulas.

Para obter os dados, foram coletados os resultados dos registros de observações, anotações de campo e imagens da aplicação da sequência. Identificamos os impactos emergentes da abordagem do ensino de gramática contextualizada no processo de aprendizagem dos alunos.

4 Análise e discussão dos dados

Este estudo reforça a importância de metodologias inovadoras e centradas no ensino de gramática contextualizada, que busquem mediação de conteúdos gramaticais de forma prática e significativa, propiciando a transformação nas práticas pedagógicas em torno de como são ensinadas as regras da língua. Nesse sentido, a sequência didática mostrou-se como uma valiosa ferramenta na condução ativa entre conteúdo e aluno, com foco na construção do aprendizado tanto gramatical quanto na compreensão do gênero.

A oficina “Muito Além das Regras Gramaticais” foi desenvolvida em três dias, em uma classe de 9º ano, turma “A”, do Ensino Fundamental, em agosto de 2024, em que a professora titular era a supervisora do estágio. A oficina buscou trabalhar o ensino de gramática de maneira contextualizada, usando o gênero fábula como ferramenta pedagógica de forma lúdica e interativa.

Sob essa perspectiva, Antunes (2014) reforça que ministrar os conteúdos de gramática de maneira contextualizada não se restringe à seleção metodológica exata, mas reflete um vasto conjunto de concepções sobre a língua, sua relação com a história, cultura, ideologias, padrões, estrutura e funcionamento prático da língua.

Considerada ultrapassada a didática tradicionalista conteudista de classificação meramente morfológica e sintática mediante frases soltas (embora ainda muito presente nas escolas), buscamos uma visão mais abrangente no ensino de Língua Portuguesa. Assim, as práticas desenvolvidas na oficina visam uma metodologia ativa no processo de ensino e aprendizagem.

No primeiro dia de oficina, logo no início da aula, antes de abordar o conteúdo, questionamos os alunos sobre o que eles já conheciam sobre o gênero fábula. As respostas foram diversas: alguns indicaram que possivelmente alguns professores já tinham trabalhado com esse gênero, mas não sabiam responder com precisão como se dava, outros afirmaram que tinham algum conhecimento sobre o tema.

A apropriação dos estudos do gênero foi conduzida pela apreciação de três fábulas: “A Cigarra e a Formiga”, seguida de “A Lebre e a Tartaruga” e “O Sapo e o Escorpião”. Lopes-Rossi (2011) nos diz que a exposição de mais de um exemplar do gênero permite uma maior compreensão das características sócio-históricas do texto, que, mesmo sendo do mesmo estilo, “a margem de variações é possível” (p.75).

Abordamos o surgimento da fábula na Antiguidade, fazendo um comentário sobre Esopo e a evolução da fábula nos tempos atuais, além de ponderar as amplas familiaridades desse tipo de texto em relação a seu caráter ético, moral e pedagógico.

De acordo com Bakhtin (2016), estudar os gêneros textuais e a natureza enunciativa é fundamental para compreender o uso da linguagem nos diversos contextos comunicacionais. O uso das fábulas no ensino de Língua Portuguesa se fundamenta pelo seu vasto campo enunciativo e tem seus traços estreitamente ligados ao mundo social, considerando-se esse recurso como uma ferramenta para instigar nos alunos habilidades linguísticas.

Figura 1: Explorando o gênero



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

A primeira figura ilustra a etapa de estudo do gênero: após o momento de conversa, foram expostas para os alunos as três fábulas que foram utilizadas como suporte ao enfoque da pesquisa. A apropriação do texto foi dividida entre leitura silenciosa e leitura compartilhada, em que os alunos assumiram os papéis de narradores e personagens das fábulas.

Conforme Antunes (2003), a leitura é importante não apenas como momento de fruição, pois permite que os alunos percebam como funciona o “vocabulário” do gênero, no caso o gênero fábula. Essa ideia se alinha ao pensamento de Marcuschi (2008, p. 154) ao afirmar que “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Neste contexto, as atividades com as fábulas não se limitaram aos seus aspectos normativos, considerando que a apreciação textual permitiu que os alunos compreendessem

como a narrativa, envolvendo animais com características humanas, pode ser usada para provocar ensinamentos e reflexões sobre a conduta do homem em sociedade.

Segundo Antunes (2014), mesmo quando um texto tem como objetivo a análise gramatical, não se deve desassociá-lo das pretensões comunicativas do texto como um todo. Uma vez que os aspectos gramaticais carecem de ser trabalhados dentro do texto vinculado ao seu sentido, visto que separar os termos gramaticais só vai “falsear sua autêntica natureza e sua verdadeira função” (p. 131).

Posteriormente, foram realizados questionamentos sobre a estrutura e os objetivos comunicacionais do gênero, levantando discussões e reflexões sobre o caráter do texto. Os discentes foram indagados sobre o sentido, a fim de entendermos se eles já conheciam o gênero fábula, o que sabiam sobre sua estrutura, como as personagens eram apresentadas, quais os espaços em que se deram as narrativas, qual o objetivo comunicativo da fábula, bem como a moral e o sentido das lições de vida de cada texto. Esses questionamentos foram feitos antes e durante o aprofundamento da oficina para instigar os alunos à reflexão sobre o assunto.

A maioria dos alunos revelou que tinha pouco conhecimento sobre o gênero fábula, e a minoria relatou ter ouvido falar ou trabalhado em algum momento. Um aluno, em específico, recordou que já tinha estudado esse gênero em séries anteriores, além de achar que já tinha lido alguns textos que se assemelhavam com a fábula.

No segundo dia da oficina, a aula começou com a análise dos aspectos gramaticais em relação aos usos das estruturas da língua na constituição do texto, com o objetivo de analisar o funcionamento da predicação verbal no gênero fábula, mostrando aos educandos como esse conteúdo contribui para a articulação do conteúdo do texto.

Ressaltamos que, embora o foco desse momento fosse a análise da estrutura gramatical, não poderíamos fazê-la, tendo em vista a perspectiva da contextualização, sem a apreciação do texto, visto que “um programa de ensino de línguas, comprometido com o desenvolvimento comunicativo dos alunos, somente pode ter como eixo o texto, em todos esses e outros desdobramentos” (Antunes, 2014, p. 51-52).

Para que os alunos compreendessem a análise, foi necessário introduzir a compreensão da estrutura da oração como um todo: seu sujeito, verbos e seus complementos, exigindo o conhecimento anterior dos alunos sobre os tipos de verbos (transitivo indireto, direto, intransitivo etc.), essenciais para o entendimento da predicação verbal, permitindo que o trabalho contextualizado facilitasse a compreensão dos alunos.

Quadro 1 – Fábula “A cigarra e a formiga”

A Cigarra e a Formiga
A cigarra então aconselhou: - Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar! A formiguinha <u>gostou</u> da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a cigarra levava e ficou encantada.

Fonte: https://www.ipirangadonorte.mt.gov.br/fotos_escola/942.pdfImagem2.

O trecho da fábula do Quadro 1 é uma adaptação do “Projeto Leia para uma Criança”, que traz em seu contexto a história dessas duas personagens: a cigarra, que opta por uma vida de lazer, cantando durante todo o verão sem preocupações, e a formiga, que trabalhou arduamente para garantir seu sustento.

Ao familiarizar os alunos com o gênero fábula e estabelecer uma atmosfera propícia ao trabalho com a língua, introduziu-se a fábula de maneira dinâmica. Durante a condução dos estudos sobre o gênero, os alunos realizaram uma leitura dramatizada das falas dos personagens da fábula, o que proporcionou maior euforismo nos alunos.

Além disso, utilizou-se perguntas exploratórias como: “Quais ações acontecem dentro do gênero? Qual objetivo comunicativo da fábula? A moral ao seu final, tem qual intenção? É um gênero de caráter ético e moral, por quê? Com intuito de estimular a interpretação e desenvolver uma conexão entre a narrativa e as vivências dos alunos, buscou-se a compreensão dos aspectos linguísticos e sociais do gênero de modo ativo.

Essa dinâmica evidenciou um aumento no interesse e participação dos alunos. Enquanto nas abordagens tradicionais de gramática muitos discentes demonstram desmotivação, a prática contextualizada associada ao uso do gênero, gerou notável envolvimento e curiosidade.

A exploração da predicação verbal foi exposta de forma mais prática considerando que cada gênero textual exige um uso específico da gramática, de acordo com a sua função comunicativa, estilo e formato. No caso da análise gramatical da fábula, com foco na predicação verbal, observamos que a colocação dos verbos e seus complementos são estruturados no texto para o desenvolvimento das ações.

Essas articulações transmitem características nas atitudes das personagens ao longo da narrativa. Antunes (2014) reitera que ministrar os conteúdos de gramática de maneira contextualizada não se restringe à seleção metodológica exata, mas reflete um vasto conjunto de concepções sobre a língua, sua relação com a história, cultura e ideologias, padrões estruturais e funcionamento prático.

Ao longo da oficina, os alunos foram levados à compreensão de que a gramática não é um conjunto de regras isoladas, mas um conjunto de itens fundamentais para linguagem, expressa nos gêneros de textos com a finalidade de manifestar os diferentes propósitos comunicativos.

Como aponta Travaglia (2006), o trabalho com o ensino de gramática deve ser abordado dentro de um contexto real, no caso o texto, levando os alunos a perceberem sua construção e significado. É preciso estimular os estudantes a desenvolverem habilidades de raciocínio e o desenvolvimento científico de maneira eficaz, sem desconsiderar o seu conhecimento prévio, mas como uma possibilidade de incrementar o seu vocabulário e direcioná-lo conforme o uso pretendido. No caso desta pesquisa, ao abordarmos o estudo da fábula, analisamos o predicado verbal, enfatizando como as escolhas verbais impactam diretamente na estrutura textual e na progressão interpretativa da narrativa.

O predicado verbal apresenta como característica em seu núcleo um verbo que indica uma ação, sendo um fator importante para coesão e coerência textual. Conforme Antunes (2003, p. 129), “o verbo é o componente central da oração, pois é a partir dele que se estrutura os outros elementos, a fim de estabelecer o sentido global do enunciado”.

Segundo Rocha Lima (2020), o predicado verbal pode ser expresso em verbos intransitivos, não exigindo um complemento, por exemplo, “Vamos nos divertir”. Ou transitivos direto, necessitando de um completo sem preposição: “A cigarra então aconselhou”. Existe ainda o verbo transitivo indireto que necessita de um completo seguido de uma preposição para ter sentido, por exemplo, “A formiguinha gostou da sugestão”.

É importante salientar que o ensino da gramática contextualizada não se resume apenas à análise estrutural dos enunciados, mas também à forma como esses elementos constroem sentidos dentro dos textos. Como aponta Geraldi (1984), o ensino de gramática deve ser voltado para o uso real da língua, permitindo que os alunos compreendam sua funcionalidade nos diferentes aspectos.

Dessa maneira, ao explorar a predicação verbal dentro da fábula, os alunos não apenas reconheceram os tipos de verbos e suas classificações, mas também compreenderam o impacto dessas escolhas na interpretação da narrativa. Essa abordagem reforça a perspectiva de que a gramática não pode ser ensinada de maneira isolada, mas sim como um componente essencial da construção textual.

No segundo momento da oficina, foi introduzida a análise gramatical do texto com foco no predicado verbal. Para facilitar a compreensão, foram destacados trechos do texto e retomar a estrutura da oração, abordado o sujeito, verbos e seus complementos.

No trecho da fábula: “A cigarra então aconselhou: - Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!”, por exemplo, o verbo “aconselhou” (transitivo direto), que é o núcleo do predicado verbal, indica a ação praticada pela cigarra (sujeito explícito simples) ao persuadir a formiga a abandonar seu trabalho e se juntar a ela na diversão.

Inicialmente alguns alunos não conseguiram identificar que “aconselhou” era um verbo transitivo direto visto que ele estava no final da oração e eles nunca tinham visto assim. No entanto, ao debater as falas dos personagens e relembrar as ações do verbo, a compreensão foi se tornando mais efetiva. Antunes (2007) defende que a gramática deve ser abordada de maneira interativa e funcional, possibilitando a relação dos termos gramaticais com a construção do texto.

Na segunda oração, o verbo “deixa” (transitivo direto e indireto) possui sujeito elíptico, desinencial ou oculto (formiguinha). Neste contexto, o verbo representa a ideia de persuasão, reforçada pela forma imperativa usada, basicamente, para transmitir uma ideia de ordem, conselhos, pedidos etc.

No início, houve resistência por parte dos estudantes, que demonstraram dificuldades em identificar e classificar os verbos principalmente os transitivos. Além disso, alguns alunos tiveram dificuldade em compreender que “formiguinha” era um sujeito elíptico. Esse cenário evidencia um dos grandes desafios do ensino gramatical: a predominância de práticas normativas descontextualizadas, que dificultam a internalização dos conceitos pelos alunos.

Diante dessas dificuldades desenvolveu-se a estratégia metodológica para tornar a compreensão dos conteúdos mais acessível, seguindo as bases de Antunes (2014), que foca em um ensino de gramática contextualizada como parte do funcionamento do contexto e não como um conjunto de regras descontextualizadas.

Nesse sentido, proporcionou-se a realização de uma atividade lúdica de um bingo gramatical, sendo o bingo um jogo conhecido pelos alunos. Essa atividade se apresentou como um suporte na revisão dos conteúdos expostos de forma dinâmica e ativa, como um procedimento avaliativo que se distanciou das condutas avaliativas tradicionais.

Como ressalta Antunes (2003, p. 156), “se o ensino da língua merece uma reorientação, não é diferente quando se trata da avaliação dos resultados desse mesmo ensino.” Ou seja, o processo de avaliação também precisa superar os dogmas de avaliar os alunos apenas pela identificação de erros gramaticais. Desse modo, seguindo essa linha de raciocínio, aplicamos no último dia das atividades um bingo, que é uma ferramenta

metodológica importante para que os alunos revisem os conteúdos gramaticais, como dito por eles, como uma “brincadeira”.

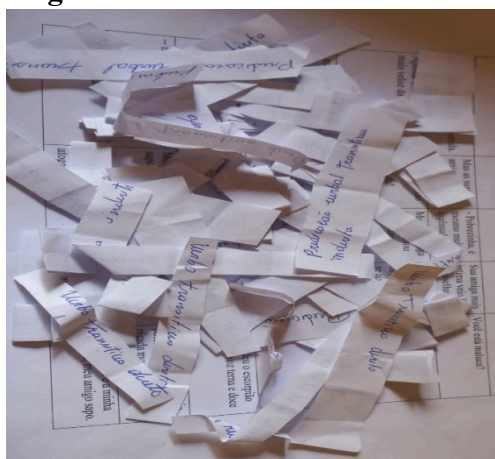
Nesse sentido, a avaliação por meio do bingo se distancia da pressão das práticas de avaliações tradicionais, que focam normalmente em avaliação escrita de análise descritiva.

Figura 2: Cartela do bingo distribuída para os alunos

B	1	N	G	O
De joelhos não digo?	Mas as suas amigas tiram dela dizendo?	... porque esta é a minha natureza, meu amigo sapo.	O sapo é o escorpião?	E o escorpião simplesmente respondeu.
O macaco deu o tiro de largada?	Mas a tartaruga não se deixou intimidar?	... moreno também?	Você é a mais traçadeira das criaturas?	Sob aplausos das torcidas?
... De joelhos nenhum?	Por que você fez isso, escorpião?	Sua amiga íntima?	Meu veneno?	A margem de rio?
Por que você fez isso, escorpião?	Meu amigo?	O bicho mais veloz da mata?	Sob aplausos das torcidas, começou a corrida de séculos.	A lebre e a tartaruga?
O sapo concordou?	Vai perder feio e passar vergonha!	A lebre e a tartaruga?	A picada mortal?	Uma vida inteira?
Meu amigo sapo?	Apostar corrida com o bicho mais veloz da mata?	Em menos de um minuto?	A sombra de uma árvore?	Profundamente?

Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

Figura 3: Bolas utilizadas no sorteio



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2024.

No último dia da oficina, os trabalhos se iniciaram com a exposição de um vídeo motivacional e uma conversação. Posteriormente, ocorreu a explicação para os alunos de como aconteceria o desenvolvimento do bingo intitulado “Pré-azarado”. A turma foi organizada em duplas, cada uma delas ficou responsável por uma cartela com trecho das fábulas, como mostrada na Figura 2, e com xerox com as fábulas “Sapo e o Escorpião” e a “A Lebre e a Tartaruga”, as quais tinham sido previamente discutidas e analisadas. Essa parte

introdutória possibilitou que os alunos se familiarizassem com as estruturas e funções das fábulas e analisasse de forma autêntica.

Sobre esse ambiente de contextualização, a BNCC (2018) sugere que as práticas pedagógicas devem “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas” (Brasil, 2018, p.16).

Ao longo do seu desenvolvimento, as “bolas” do bingo foram representadas por tirinhas de papel, contendo os diferentes tipos de predicado e seus complementos presentes nas fábulas, conforme ilustrado na figura 3. No decorrer do sorteio, efetuado pela aplicadora, os alunos conferiam se o conteúdo sorteado estava em sua cartela.

Nesta etapa, observou-se uma evolução significativa na participação dos estudantes: no início, demonstravam insegurança ao classificar os predicados, mas ao longo do jogo, passaram a discutir entre as duplas e justificar suas respostas com mais precisão. O diferencial do bingo aplicado foi a inversão em relação ao bingo tradicional: em que o vencedor seria aquele que marcasse menos pontos, essa abordagem incentivou os alunos a terem atenção minuciosa, proporcionando que a atividade não fosse apenas recreativa.

Dessa forma, o trabalho mostrou um resultado animador no ensino e aprendizagem, mostrando que a avaliação não pode ser somente algo estático, mas que estimule o desenvolvimento intelectual dos estudantes, como compreender o desenvolvimento da análise sintática-linguística de ação, que cada verbo ou sujeito vai criando sentido ao texto. A iniciativa de premiar o vencedor do bingo foi uma forma de instigar os alunos a se dedicarem mais a atividade, mas sobretudo fortaleceu o desenvolvimento de aprendizagem do ensino de gramática contextualizada dentro do texto.

Conforme Antunes (2014, p. 46), a “‘gramática contextualizada’ corresponde não a um traço inerente a ela, mas a uma opção metodológica de tratamento dos fatos gramaticais.” nesse sentido, ensino de gramática contextualizada é necessário na educação, pois se apresenta como uma forma inovadora, transformando a prática pedagógica, desde que seja exposto de maneira contextualizada, interativa e significativa para a aprendizagem dos estudantes.

A integração do ensino de gramática contextualizada, utilizando como suporte o ensino do gênero fábula, proporcionou uma visão instigante na absorção dos conteúdos de predicação verbal em seus usos reais de comunicação dos textos.

A sequência didática e a realização do bingo gramatical revelam que o ensino da gramática contextualizada pode contribuir para uma aprendizagem significativa, principalmente quando os conteúdos gramaticais e o gênero fábula fazem sentido para o aluno, sendo adequados ao processo de aprendizagem. A aproximação com o gênero fábula auxiliou a construção do conhecimento, permitindo que os estudantes aprendessem os elementos gramaticais de maneira mais natural.

No entanto, a pesquisa durante a realização da sequência didática mostrou desafios. Inicialmente, os alunos tiveram dificuldade na análise gramatical no gênero fábula, o que evidencia a necessidade de se trabalhar a gramática contextualizada sem fragmentar seu ensino. Por meio de um trabalho contínuo e progressivo, é possível proporcionar práticas pedagógicas mais integradas.

Por fim, a execução da oficina mostra a importância de se revisar as metodologias empregadas no ensino de Língua Portuguesa, em que estratégias dinâmicas e inovadoras, como o bingo gramatical do “Pré-Azarado”, podem colaborar com a aprendizagem de gramática acessível aos alunos, aproximando-os do funcionamento real da língua e ampliando suas habilidades comunicativas de modo eficiente.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivos analisar as possibilidades e problemáticas do ensino de gramática contextualizada mediado pelo gênero fábula e suas contribuições na aplicação de uma oficina pedagógica de maneira crítica e ativa nas aulas de Língua Portuguesa, na Educação Básica, mais especificamente no Ensino Fundamental.

O ensino de gramática contextualizada se materializa como uma abordagem que integra o uso real da língua, ou seja, o foco de análise está no texto, integrado aos eixos de oralidade, leitura e análise linguística. Essa abordagem possibilita não apenas a exploração de termos gramaticais, mas também a inclusão dos estudantes em situações reais e significativas do ponto de vista linguístico.

As metodologias no ensino de Língua Portuguesa ainda são, em grande parte, expostas nas salas de aula de forma descontextualizada. Os alunos são levados a decorar regras sintáticas e morfológicas, o que os leva a perceber a língua como um conjunto de normas sem sentido prático para o seu desenvolvimento social e útil apenas no ambiente escolar. Em contraponto, os estudos realizados ao longo desta pesquisa destacam a importância da contextualização e da valorização de práticas pedagógicas que promovam o aprendizado a

partir de situações reais de uso da língua, enfatizando a relevância de gêneros textuais que estejam diretamente ligados aos diversos contextos sociais.

Retomando a indagação inicial desta pesquisa, constatou-se a eficácia da utilização das fábulas no ensino de gramática contextualizada. A narrativa, com seu caráter ficcional, ético e moral, possibilita a exploração de regras gramaticais de forma significativa e contextualizada, ancorada em situações reais e concretas.

Na oficina pedagógica aplicada, os estudantes foram instigados a trabalhar os termos gramaticais da predicação verbal, explorando suas funções dentro dos textos. Essa abordagem proporcionou a ampliação e o desenvolvimento de capacidades interpretativas e reflexivas. Além disso, a dinâmica do bingo mostrou-se um processo avaliativo lúdico e útil para promover a interação e o engajamento dos alunos.

Porém, a pesquisa revelou dificuldades e lacunas na abordagem educacional. As dificuldades dos alunos em lidar com a gramática contextualizada evidenciam problemas acumulados ao longo de anos de um ensino desarticulado linguisticamente. Esses desafios reforçam a necessidade de novas abordagens que acompanhem as transformações sociais e de políticas educacionais que contemplem a formação continuada de professores, visando à aquisição de teorias e práticas didáticas inovadoras.

Os resultados da pesquisa demonstraram a relevância do ensino de gramática contextualizada em articulação com o gênero fábula. Mostrou-se que a adoção de teorias e práticas linguísticas, sociais e pedagógicas é essencial para aproximar os alunos do uso real da língua, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e interpretativas.

A sequência didática desenvolvida comprovou que, ao integrar o ensino de gramática contextualizada à leitura, análise linguística e reflexão crítica, é possível promover uma aprendizagem significativa. Essa abordagem aproxima os alunos do uso efetivo da língua e desenvolve habilidades comunicativas criativas e críticas. Apesar dos desafios iniciais, como a resistência dos alunos e as limitações na formação docente, os resultados evidenciam que o uso das fábulas é um suporte valioso para a compreensão e análise de regras gramaticais, conectando essas regras às circunstâncias reais do cotidiano dos estudantes.

As vivências e os desafios observados na escola pública no município de São Bernardo -MA demonstraram como a abordagem de ensino de gramática contextualizada pode ser riquíssima na aprendizagem dos alunos de uma maneira mais leve, com maior envolvimento e maior absorção do conteúdo. Entretanto, observam-se grandes desafios para o corpo docente, como a deficiência de recursos metodológicos e interativos que instiguem os alunos a se desprender do ensino simplista.

Dessa forma, o trabalho reforça a importância de metodologias inovadoras que superem o ensino descontextualizado e valorizam práticas reflexivas, contribuindo para uma educação linguística mais inclusiva e socialmente relevante. O estudo deixa em aberto a possibilidade de novas pesquisas que possam expandir esse tema ou proponham novas perspectivas metodológicas para o ensino de gramática contextualizada, destacando a relevância dessa abordagem na formação de cidadãos críticos e criativos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: “limpando o pó das ideias simples”**. 1. ed. São Paulo: parábola editorial, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo, Parábola. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base, ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 186 p. ISBN: 85-15-01889-6.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONISIO, Ângela Paiva; HOFNAGEL, Judith Chambliss [org.]. tradução Judith Chambliss Hofnagel. 2. ed. Recife: Pipa comunicação, 2020.

FARACO, C.A. **Norma padrão brasileira**. Desembaraçando alguns nós. In: Bagno, M. (org.). **linguística da norma**. São Paulo: Edição Loyola, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática. 2011.

A cigarra e a formiga. Projeto Leia para uma criança, 2020. Disponível em: https://www.ipirangadonorte.mt.gov.br/fotos_escola/942.pdf.

GERALDI, João Wanderly (org.). O texto na sala de aula: leitura e produção. 3. ed. Paraná: Assoeste, 1984.

LOPES-Rossi, Maria Aparecida Garcia Lopes. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B.; BRITO, KS MARCHUSCHI, Luís Antônio... [et al]. Gêneros Textuais, Reflexão e Ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, Antônio Luiz. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MISRAEL. **O sapo e o escorpião**. Recanto das letras, 2015. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/fabulas/5377500>.

NAIDITCHF, F. Pesquisa - ação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 61ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

Família. A lebre e a tartaruga. Família itinerante, 2019. Disponível em <https://familiaitinerante.com.br/wp-content/uploads/2020/07/A-Lebre-e-a-Tartaruga.pdf>.